

# DONA MARIA I – A RAINHA LOUCA?

Mariana Rebelo Soares, Margarida Lisboa Silva, João Queirós

Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa



Nasce em Lisboa a 17 de dezembro de 1734

Médicos da corte declaram-na incapaz de governar, transferindo as suas funções para seu filho mais velho, João, que se tornaria D. João VI, marcando o início da regência.

O Brasil deixa 8 anos depois de ser colônia e passa a fazer parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

1734

1792

1815

1777

1807

1816

Ascende ao trono de Portugal, tornando-se a primeira rainha reinante do país. Casa-se com seu tio, Pedro de Bragança, que posteriormente se torna D. Pedro III, fortalecendo os laços entre Portugal e Espanha.

Durante o seu reinado, a invasão das tropas napoleónicas em 1807 força a família real a fugir para o Brasil, onde o governo foi estabelecido.

Morre a 20 de março de 1816, no Rio de Janeiro. A sua memória é lembrada em Portugal e no Brasil, com perspetivas distintas sobre a sua personalidade e saúde mental. Assim, em Portugal ficou conhecida como "A Piedosa", enquanto no Brasil ganhou o cognome: **"A Louca"**.

A história de D. Maria I é marcada por desafios políticos em Portugal e no Brasil, bem como por lutas pessoais e doença mental. Recebeu uma rigorosa educação religiosa, tornando-se uma católica devota, num período em que os tribunais da Inquisição ainda estavam em funcionamento. É descrita como uma mulher reservada, conservadora e discreta.

Dona Maria I viveu períodos conturbados, com a morte de 6 entes queridos em 3 anos. Perdeu o marido em 1786 por trombose e, em 1788, a varíola causou a morte do seu filho mais velho, da sua filha, do seu genro e neto recém-nascido. Também nesse ano, o seu confessor Frei Inácio de São Caetano faleceu, assim como D. Carlos III da Espanha, seu tio. Perante as perdas, Dona Maria I desenvolveu os primeiros sintomas de doença mental, incluindo ansiedade, boca seca, dores corporais e tremores. Aos **56 anos**, em 1791, esses sintomas agravaram, passando por episódios depressivos com melancolia, insónia, perda de apetite, culpa, ideias persistentes relacionadas com o inferno e uma ideia niilista (acreditando que estava morta por dentro e sem vísceras).

O seu novo confessor, Monsenhor José Maria de Melo, poderá ter tido um papel nestas crenças, lembrando-a constantemente do massacre dos Távoras e pregando sobre o Inferno. Aos **58 anos**, surgiram sintomas sugestivos de mania, com irritabilidade e períodos de alegria excessiva, discurso incoerente, agitação e agressividade, que duravam vários dias. Dona Maria I recebeu vários tratamentos, como sangrias, banhos de água sulfurosa, enemas e ingestão de quinino e valeriana, mas sem melhoria. Na sua família, onde era frequente a consanguinidade, houve casos de doença mental: o avô, Filipe V de Espanha, alternava entre letargia e violência; o tio, Fernando VI, alternava entre noites sem dormir e períodos de apatia; a mãe, Dona Maria Vitória, as irmãs e o filho, D. João, sofriam de "melancolia".



## O Estigma

Dona Maria apresentava sintomas sugestivos de episódios depressivos com sintomas psicóticos (ideias delirantes místicas e niilistas), alternados com episódios maníacos, sugerindo uma **Perturbação Bipolar (PB)**. O primeiro episódio na PB surge frequentemente após um evento de stress, sendo que os primeiros sintomas da rainha se manifestar após a morte de 6 familiares. O primeiro episódio foi depressivo, com sintomas maníacos a surgir mais tarde, o que também é típico desta doença. Havia história familiar de quadros sugestivos de Perturbação Depressiva e Perturbação Bipolar. A consanguinidade é também um fator de risco. Por outro lado, a idade média para o início dos sintomas de PB é 18,4 anos, enquanto a doença da rainha teve início tardio, aos 56. Sabe-se que em 5-10% dos casos, a PB surge após os 50 anos, estando habitualmente mais associada a doenças cerebrais, sexo feminino e bom funcionamento premórbido.

Na época de Maria I, as doenças mentais eram muitas vezes atribuídas a possessões demoníacas. O conceito atual de Perturbação Bipolar só surgiu após sua morte, com Kraepelin em 1899 ("loucura maníaco-depressiva"), enquanto terapêuticas eficazes surgiram no século XX. Embora a doença da rainha tenha começado em Portugal, foi no Brasil que se tornou "A louca", cognome que contribuiu historicamente para a perpetuação do estigma associado à doença mental, numa época em que era frequente atribuir o adjetivo "louca" a uma mulher. Os livros de História atuais deveriam contextualizar o uso do termo "loucura", enquadrando-o no seu tempo histórico, quebrando assim a corrente de estigma que, durante séculos, associou os conceitos: **Mulher e Loucura**.